



Simpósio de Integração Acadêmica

“Bicentenário da Independência: 200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil e 96 anos de contribuição da UFV”

SIA UFV 2022



Desterro: mineração e migração na Serra do Brigadeiro

Maynne de Sousa Moura¹, Tiago Augusto da Cunha², Ana Júlia Vieira Sena Mendes³, Vanessa Coelho Monte Alto⁴.

1 Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, maynne.moura@ufv.br. 2 Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, tiagoac@ufv.br. 3 Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ana.j.mendes@ufv.br. 4 Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, vanessa.nogueira@ufv.br.

Ciências Sociais Aplicadas - Demografia

Trabalho de Pesquisa

Palavras-chaves: Mineração, Migração, Bauxita

Introdução

A mineração se trata de atividade industrial que impacta significativamente a dinâmica socioeconômica brasileira, especialmente a mineira. Em meados da década de 1990, sobretudo, com um intenso crescimento desse setor, a extração de bauxita expandiu-se em direção à mesorregião da Zona da Mata Mineira, particularmente na vertente leste da Serra do Brigadeiro. A mineração da bauxita na região é singular. Diferentemente de outras reservas, ela se encontra mais próxima à superfície. Extraí-la significa, ao menos de imediato, degradar o solo e substituir a agricultura local.

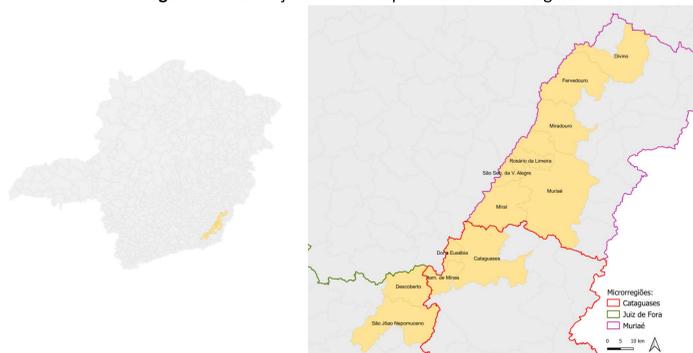
Objetivos

Busca-se analisar as consequências da mineração nos municípios da vertente leste da Serra do Brigadeiro e as prováveis modificações no padrão migratório regional decorrentes dela.

Material e Métodos

Para a análise migratória construiu-se matrizes através da definição de recortes territoriais, selecionando 12 municípios: São João Nepomuceno, Descoberto, Mirai, Muriaé, Divino, Miradouro, São Sebastião da Vargem Alegre, Fervedouro, Rosário da Limeira, Cataguases, Dona Eusébia e Itamarati de Minas (Imagem 1). Para tal, utilizou-se os microdados da amostra dos Censos Demográficos de 1991 a 2010, disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Posteriormente, investigou-se o número de processos minerários existentes na região.

Imagem 1 - Localização dos municípios e suas microrregiões



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2022. Divisão Territorial Brasileira. Elaboração própria.

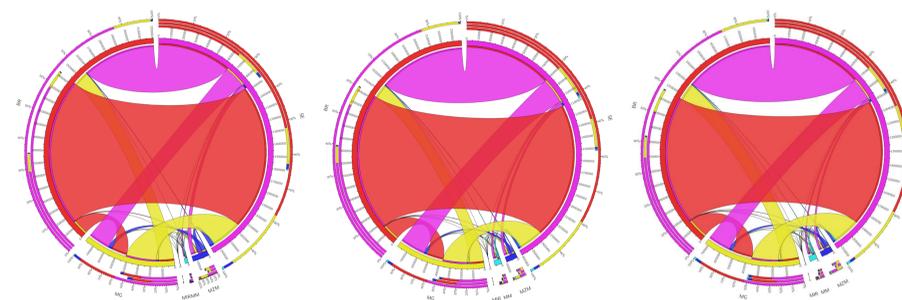
Apoio Financeiro

PIBIC/FAPEMIG

Resultados e Discussão

O estudo indica que o comportamento migratório (Imagem 2) é produto do porte municipal, da localização geográfica dos municípios (distância em relação à divisa estadual) e da magnitude da mineração em determinados períodos. Constatou-se que em municípios de médio porte regional há fluxos migratórios de diversos recortes territoriais. Já os municípios de pequeno porte apresentam fluxos mais locais, porém, aqueles que se localizam mais próximos aos limites estaduais manifestam fluxos interestaduais. Além disso, observa-se que nos períodos com maior quantidade de lavras concedidas, havia aumento do número de emigrantes.

Imagem 2 – Matriz Migratória de Mirai, 1991, 2000 e 2010



BR – Brasil SE – Sudeste MG – Minas Gerais MZM – Mesorregião da Zona da Mata MM – Microrregião de Muriaé MIR – Mirai
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2022. Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. Elaboração própria.

Conclusões

Dessa forma, através da mineração houve maior amplitude geográfica dos movimentos migratórios. Além disso, constata-se que a mineração e migração possuem uma relação inversa, assim quando a mineração é mais intensa há um saldo migratório negativo nos municípios, ou seja, pondera-se que a exploração minerária provocou o desterro e desestruturação da população local.

Bibliografia

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa, ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo e ao professor Tiago Augusto da Cunha pela oportunidade.